

No livro 'Poética do pós-modernismo', a ensaísta americana Linda Hutcheon tenta dissecar um dos conceitos mais polémicos da cultura contemporânea. Página 6



Livros



O romancista americano William Styron, autor de 'A escolha de Sofia', faz um impressionante relato de seu mergulho no abismo da depressão em 'Parto das trevas'. Página 7

Se eu fosse viver de poesia, estava na sarjeta. Trabalho intelectual neste país é sinônimo de vagabundagem.



Manoel de Barros: "Estou tentando desaprender oito horas por dia para chegar à ignorância. Quero escrever um livro em linguagem de criança"

Sou complicado, minha linguagem é erudita. Busco as fontes primordiais do homem em minha poesia.

ENTREVISTA/ Manoel de Barros

Poeta busca estética do ordinário

ISABEL CRISTINA MAUAD

A sua voz chega clara, atenciosa. De sua casa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o poeta Manoel de Barros, de 74 anos — 61 de poesia — consente em falar ao GLOBO. Mas ele logo reclama: "Responder por telefone? Não gosto de telefone. Se for complicado, não respondo". Respondeu. Sem vacilos ou interrupções, mas afirmando: "Não gosto de entrevista falada. É a primeira que dou, falada assim, principalmente por telefone. Uma vez me enganaram, gravando. Mas eu não briguei. Só gosto de dar entrevistas por escrito, porque elas têm o mesmo valor estético e o cuidado artístico de minhas poesias. Com você, falando assim, estou me sentindo meio ao relento".



de gado, aposentado há cinco anos, João tem muita sensibilidade, é meu crítico principal. Se ele não me disser que está bom, não entrego ao editor. O mesmo em relação à minha mulher, Stella, minha filha Marta e meu outro filho, Pedro. A família toda tem que ler. Atualmente, estou na maior vagabundagem, por conta de mim mesmo.

O GLOBO — O senhor, que foi chamado de "maior poeta vivo do país" por Drummond, vive de poesia?

BARROS (Risos) Já me contaram isso do Drummond. Se eu fosse viver de poesia, estava na sarjeta. Aliás, eu tinha vocação para a sarjeta, sempre fui boêmio. Trabalho intelectual neste país não é considerado trabalho. Ficar lendo, sonhando, pensando besteira é considerado vagabundagem no Brasil. Todo mundo sabe disso. Ninguém declara sua condição de poeta na carteira de polícia. Se é poeta, tem vergonha de falar. Li outro dia num jornal que uma pessoa foi fazer compra a prestação e declarou ser escritor. Seu cadastro não foi aprovado. Ai disse ser também industrial. E foi aprovado. Achei muito engraçado — e verdadeiro. Não digo que seja impossível viver de poesia, mas para mim é mesmo. Não sei se o Drummond vivia. Acho que não, ele era funcionário público. Não sei de alguém que vivia de poesia. A sociedade ainda não aceita o poeta como profissional. Poesia é vagabundagem.

"Meio ao relento", o poeta a quem Drummond chamou de "o maior do país" falou sobre sua vida, o momento cultural, o ofício da poesia e seu novo livro: "Concerto a céu aberto para solos de ave", lançado pela Civilização Brasileira. Falou também sobre seu próximo trabalho, em gestação, que vai se chamar "O livro das ignorâncias". E confessou ter medo da morte.

O GLOBO — O senhor é arreio a entrevistas, mas se frustra quando lança um livro e nada acontece...

MANOEL DE BARROS — (Risos) Fico mesmo frustrado. Mas depois que lanço um livro, fico com vergonha e eu toco — de mim mesmo, do livro. Demoro muito a fazer um, fico boquiaberto demais as palavras. No final, fico angustiado; mando para o editor e tenho medo até de corrigir as provas. Não me dá mais nenhuma vontade, nenhum prazer. Quero sair para outra. Uma vez fiz esta frase: "Meu gozo e meu prazer é no fazer". Depois que termino, sinto um certo fastio. Não quero mais ler, porque já liquei muito tempo em meu caso. Demoro muito mesmo.

O GLOBO — Demora quanto?

BARROS — Ah, às vezes até dez anos ou cinco — e livro pequeno! Meu corpo e minha alma ficam todos entregues. Não paro de fazer até a exaustão. Entre meu livro "Poesias", de 1956, e "Compêndio para uso dos passáros", passaram-se seis anos. Entre "Gramática expositiva do chão", de 1966, até "Matéria de poesia", levei dez anos. E quando retornei à Mato Grosso, em 1960, depois de morar 40 anos no Rio, trabalhei com outras coisas, arrumei minha vida material. Só fazia anotações, não estava com a cabeça disponível. Tenho feito livros com mais frequência depois que entreguei os negócios para o meu filho caçula, João, de 38 anos. Sou fundador, fundador

DOIS POEMAS

Prefácio

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) — sem nome.
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam mangues.
Vendo que havia na terra dependimentos demais
E tarefas muitas —
Os homens começaram a roer unhas.
Ficou certo pois não.
Que as moscas iriam iluminar o silêncio das coisas anônimas.
Porém, vendo o Homem que as moscas não davam conta de iluminar o silêncio das coisas anônimas —
Passaram essa tarefa para os poetas.

Retrato

Quando menino encompradava rios.
Andava devagar e escuro — meio formado em silêncio.
Quería ser a voz em que uma pedra fale.
Paisagens vadiavam no seu olho.
Seus cantos eram cheios de nascentes.
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

tics subentendidos, como neste novo livro... O senhor escreve, por exemplo, que "o grilo faz a noite menor para ele caber".

BARROS — Acho que você tem razão. Não é uma linguagem simples, popular. Tenho linguagem literária, erudita. Sou complicado. Minha linguagem busca as fontes primordiais do homem, do celestial, nem com o sideral, nem com o íngreme, nem com o conspício. Trabalho com o ordinário. Minha estética, alguém chamou de estética da ordinariedade. Concordo.

saprender oito horas por dia para chegar até a ignorância, até a criança, até a raiz da fala. Enquanto que saía com linguagem de criança. Com um certo susto infantil diante do mundo. Continuo achando que as coisas mais importantes são as mais desimportantes. Não é a poesia que é desimportante. É a minha matéria de poesia. Não trabalho com o celestial, nem com o sideral, nem com o íngreme, nem com o conspício. Trabalho com o ordinário. Minha estética, alguém chamou de estética da ordinariedade. Concordo.

O GLOBO — Por que, no novo livro, a epígrafe "Devo falar agora de mim, iseria um passo na direção do silêncio..." de Samuel Beckett?

Sua poesia caminha para o silêncio?

BARROS — A epígrafe é do velho livro que fiz o "Caderno de apontamentos" e deixou o manuscrito com o nome. Ele morava na árvore, pressentindo, enquanto fazia os apontamentos. Conheci esta frase de Beckett e a coloquei. A direção do silêncio é a morte. Nunca fiz poema diretamente falando de mim, na primeira pessoa. Os versos que se referem ao velho são todos na primeira pessoa. O velho tem versos insanos, quando começa a ficar doente da cabeça. Ele estava enascentado, por exemplo, quando escrevi: "Eu vi um êxtase no cisco". Este verso é o coramento do desimportante. Diz também "Vi uma água viciada em meu" — a coisa que...

O GLOBO — Mas este velho, seu personagem, não tem a ver com o senhor?

BARROS — No final da "Introdução a um caderno de apontamentos", escrevi: "Por tudo que leio nesses apontamentos, pela ruptura de certas frases, fico em dúvida se esses escritos são meros delírios/ ónticos ou mera sedição de palavras. Metade das frases não pude copiar por ilegíveis". Em um outro livro, escrevi que a poesia é a loucura das palavras. Fico então em dúvida se foram as palavras que enlouqueceram ou se era loucura do velho. É evidente que quero falar em morte: o velho está morrendo, ficando fraco. É uma preocupação minha, a morte. Tenho 74 anos. Qualquer pessoa tem preocupação com a morte, sobretudo em idade avançada.

O GLOBO — Fale sobre a incorporação de elementos visuais na sua poesia.

BARROS — Pouca gente está entendendo isto. A capa e as vinhetas são do Siron Franco, que uma vez esteve no Mato Grosso e me telefonou. Então, quando o livro estava pronto, mandei para ele. O olho no caracol e no alicate que sai do caracol, penso eu, ele se baseou no verso de um outro livro que diz: "O alicate cremoso". Pessoalmente, acho que ele atingiu o núcleo da minha poesia.

O GLOBO — Qual é sua avaliação da poesia concreta?

BARROS — Não gosto. Não me toca. Não tenho nem competência para falar mal. Não fui capaz de entender e nem sentir este tipo de arranjo de sílabas sem a devida atenção à semântica. Pode ser culpa minha. Já estive muito atrasado em relação à groupizada. De rock, por exemplo, não entendo nada e meus netos gostam. Fecho a porta para não ouvir. A mim não faz gosto. Só isso.

O GLOBO — Além de João Cabral, que poetas o senhor aprecia?

BARROS — Adélia Prado é uma grande poeta, porque tem uma relação crítica com Jesus Cristo. Francisco Alvim, que mora em Brasília, diplomata, é um grande poeta. Conseguiu atingir um verso muito depurado, sem sofisticação. Na prosa, o melhor em atividade é o Dalton Trevisan. É sucinto, enxuto e tem estilo absolutamente dele. Admirei muito Guimarães Rosa. Tivemos uma ligação muito importante, quando nos conhecemos, no Pantanal. O contista João Antônio também é bom. Quem escreve muito bem também é o Millôr Fernandes. Conhece muito a linguagem, tem sensibilidade.

O GLOBO — O senhor julga que o público entende sua poesia?

BARROS — Não acho que quem me lê me entenda. Aqui em Mato Grosso, por exemplo, sou excoato. Meia dúzia gosta de mim. Minha poesia é erudita, exige colaboração da sensibilidade. Pessoas que gostam de mim estão no Rio, Curitiba, Goiás e, principalmente, São Paulo. Recebo muitas cartas: duas por dia, todas elogiando minha poesia. Mas quem vai pegar uma pena para meter o pau? Quem escreve a faz para manifestar carinho. É a melhor coisa do mundo é se sentir amado.

O GLOBO — Então a exaltação da natureza em seus livros não o afasta do público urbano?

BARROS — Não afasta. O que domina o poeta, o que faz com tenha algum valor, não é o substrato da natureza, é a linguagem, a maneira de dizer as coisas. A natureza é muito velha. Encarada como linguagem nova, não afasta ninguém. Hoje, então, a humanidade está com muita exatidão de Machado de Assis, de natureza. A natureza é a mãe, a primeira coisa. Quem foge dela está roubado. Mas já fiz poesia mais urbana, da época em que morava aí no Rio, estudante. Meus três primeiros livros são urbanos. Tenho muito do Rio, do mar... Tive o choque do "bugre", do índio quando vê o mar... Vem a onda e ele começa a correr.

O GLOBO — Como o senhor vê o atual momento cultural? O Estado deveria subsidiar a cultura?

Manoel de Barros — Principalmente cinema e teatro. Quem tem vocação para diretor deste tipo de arte e é pobre não se realiza. O poeta, não. Se conseguir sobreviver, não. Temos o exemplo de Machado de Assis: preto do morro, com uma vocação tão fabulosa que passou por cima de tudo, conseguiu sobreviver e é ainda hoje o maior escritor de língua portuguesa. Ele e Guimarães Rosa, sem contar os portugueses Antônio Vieira e Camilo Castelo Branco, meus formadores.

O GLOBO — Só há cerca de quatro anos o senhor passou a ser mais conhecido do grande público. A que atribui isto?

BARROS — Sou o culpado. Absolutamente culpado. Não tenho convivência com intelectual, nunca tive. É questão de tempo. Sou muito tímido, reservado, tenho muito medo e pudor de aparecer. Agora, você me pegou em boa hora. Estou entendendo que preciso ajudar a editora na divulgação do livro. Anticamente não pensava nisso. Hoje acho que uma entrevista pode ser uma obra de arte. Sempre será boa quando eu responder por escrito, porque assim ela se incorpora às minhas obras completas. Falada assim, não há o calor da palavra escrita, que me recolhe e agasalha. Eu me sinto meio ao relento.

